



Gaiato



Quinzenário • 4 de Maio de 1991 • Ano XLVIII — Nº 1230 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Autoconstrução

Quem dera! Quem dera que a acção sócio-caritativa estivesse organizada em cada paróquia, a par doutros movimentos, onde houvesse um grupo de pessoas com muito interesse em ajudar a resolver os problemas dos Pobres. Um dos mais comuns e mais graves é a falta de habitação digna. Não digamos que não tem solução. Ele é tão simples de resolver em muitos casos: Basta dar as mãos.

Ora é aqui, no momento de dar as mãos e na sua preparação, que o grupo de pessoas tem de estar presente para unir os que dão aos que recebem. Há muito tempo que os vicentinos ocupam este lugar. São ponte. Que riqueza!

Trago, hoje, para cima do alqueire, a luz que uma Conferência Vicentina acendeu na sua paróquia para que outros vejam e façam assim também. E que luz!: «Preocupados com a situação das famílias mais pobres e marginalizadas da nossa terra, dedicamos parte da nossa actividade ao apoio a Autoconstrutores, casais de minguados recursos ou até senhoras solteiras e viúvas com filhos e outros familiares. Para este apoio, além do estímulo e ajuda em materiais, pagamento de mestres e pequenos empréstimos, recorremos a empresas da nossa região ligadas à construção civil. E, todos juntos, vamos prosseguindo a caminhada».

Paremos um bocadinho para reflectir. Trata-se, antes de mais, de gente preocupada com ajudar as famílias mais pobres. É o primeiro passo: Começa por dentro, pelo coração. Quando assim acontece, não há causa que não se vença. Vai-se bater à porta dos outros para que também se preocupem. Inventam-se pequenas soluções que quem ama é sempre um técnico. Deste modo «todos juntos vamos prosseguindo a caminhada».

As experiências dos outros são livros onde aprendemos também. Por isso trazemo-las para a luz do dia. A Autoconstrução é uma experiência, tantas vezes dolorosa, mas geradora da alegria em vidas novas, seguras, saudáveis; famílias resgatadas e, agora, unidas.

Vamos continuar: «Na sequência do vosso apoio à Autoconstrução — «levantem as paredes que nós damos o telhado» — uma vez mais vimos ao vosso encontro para vos propor uma ajuda a um autoconstrutor da nossa terra, a quem disponibilizamos uma parcela de terreno para este fim, que, neste momento, depois de obtida a respectiva licença da Câmara Municipal e conforme planta fornecida gratuitamente por esta, já levantou as paredes, colocou a

Continua na página 4



Fábio, um dos «Batatinhas», saúda os nossos Leitores

SETÚBAL

Ajudamos os nossos rapazes a conseguirem uma habitação condigna

ONTEM, comprei para um dos meus, já casado, um andar de três assoalhadas.

É o segundo, este ano, e o terceiro desde que me propuz ajudar os rapazes a conseguirem uma habitação condigna.

É a cúpula da Obra da Rua uma habitação decente para aqueles que recuperamos.

Assim podemos esperar deles famílias férteis, felizes e construtivas. Estou a entrar com 2.500 contos para cada um. O resto ficará a seu cargo.

Com a promessa de compra e venda, entra a ajuda da Casa do Gaiato. No acto da escritura virá o empréstimo da instituição bancária.

Assim os rapazes adquirem capacidade económica para contrair uma dívida e asseguram possibilidade financeira perante o Banco com o bem adquirido e o seu salário mensal, sem necessidade de fiança.

Perante uma orgânica económica feroz e anti-social, este é o único caminho viável e humano.

Se os rapazes evidenciam aptidão para gerir frutuosa-mente os seus bens, dotá-los de um mínimo necessário é uma questão de justiça a que a Obra da Rua terá que responder, nem que para tal tenha de esmolar de porta em porta. E eu estou disposto a fazê-lo.

Ainda não deixei, ano nenhum, de fazer peditórios no Verão, e tenho pena de não poder passar, ao menos de dois em dois anos, pelas Igrejas desta Diocese a falar dos Pobres. É uma questão de luz!

O GAIATO tem-me trazido muita ajuda e muita luz!

Tenho em meu poder a carta de um superior religioso a propor-me partilhar da sua congregação nesta obra de cúpula da Casa do Gaiato: dotar cada família de gaiatos de uma residência natural.

Quando a gente faz quanto pode, a justiça emerge por si própria!... É a experiência que o confirma!...

Cada ano saem desta Casa, com estrutura humana suficiente, cerca de uma dezena de rapazes. Avalia quanto ponho às costas além dos 150 a quem tenho de dar directamente paternidade contínua!...

Assim se luta verdadeiramente contra a pobreza!

Festas

QUANDO leres esta notícia já muita gente terá gozado o prazer inaudito de as saborear!...

O espectáculo pretende alimentar a comunhão viva com os nossos Amigos e, a pouco e pouco, ir vencendo a barreira cultural das populações de nos julgarem mais um estabelecimento assistencial, parecido com tantos outros, e não uma Obra Nova com uma pedagogia própria adaptada à natureza dos rapazes, respondendo às suas carências e guiando-os a níveis humanos suficientes para vencerem na vida. Uma Casa de família com espírito de família!... A mensagem fundamental deste ano versará a formação religiosa dos rapazes numa Casa do Gaiato citando continuamente o Padre Américo na sua intuição cristã.

Continua na página 4

Direitos da Criança

De Pai Américo disse um dos nossos Bispos: «Ele não passou ao lado dos Pobres; passou no meio deles». E daí a sua extraordinária sensibilidade para os seus problemas, o que lhe deu entendê-los e ser entendido por eles como raramente acontece. Aliás, sempre, na linha do Evangelho: O conhecimento autêntico vem do amor e não há amor verdadeiro sem comunhão de vida. O Apóstolo e Evangelista S. João é abundante nesta doutrina. E o Bom Samaritano a figura exemplar.

Por isso, antes de tudo o mais que fez, Pai Américo fez-se pobre. Ele que sempre vivera desafogadamente, experimentou o aperto e as incertezas da vida dos Pobres — para os conhecer melhor, para os remediar. E conheceu; e remediou. E a experiência não consistiu num acto esporádico de investigação. Foi uma opção, uma opção fundamental para o resto da sua vida de lutador do «bom combate». A pobreza dos meios, a austeridade da vida — a sua arma poderosa. O amor que gera o conhecimento e é alimentado por ele — a sua contínua preparação, «actualização permanente», como se diz agora.

A necessidade urgente de uma «revolução» nas leis que regulam
Continua na página 3

PELAS CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

• É autoconstrutor, de freguesia vizinha. Sofre por não ter a obra legalizada de raiz — desde o terreno.

— *Q'ria pôr a baixada e não posso!*

Sabemos como é difícil um humilde trabalhador concretizar o (seu) direito à habitação. Mas, se na terra dele houvesse loteamentos (económicos) não infringiria a lei (as leis).

— *O dono da sorte vendeu uma parcelita...*

— Sem escritura?!

— *Deu um papel e comecei a casa...*

Levantou um tecto para não viver na pocilga. Aos olhos do mundo (oficial) teria *pecado*. Mas não podemos condenar o homem! Na realidade, muito se conjuga para a *clandestinidade*, qual fuga dos Simples às amarras complicadas, onerosas, excessivamente burocratizadas — precavendo o Ordenamento do Território.

Primeiro (já referimos): Ausência de loteamentos (económicos) oficiais, na maior parte do País.

Segundo: Este homem terá, agora, de motivar o proprietário a lotear a sorte; depois das aprovações de gabinete, escritura notarial e registo na Conservatória. Entretanto, a entrega do projecto da moradia no seu município..., até à licença de habitabilidade, etc., etc.

Tudo somado, quantos dias

perdidos nas repartições e dinheiro investido em papéis?! Para além dos compassos de espera em cada uma das estações.

Por amor à verdade, esclarecemos o pobre trabalhador — vergado à força a realidade!

PARTILHA — Mais um cheque da «*Avó de Sintra*», cujo amor pelos Pobres fá-la escrever — sem poder ler! Juros capitalizados no Banco de Providência.

«*Uma portuense qualquer*» não falha! Ai está com a «*migalhinha relativa ao mês de Março para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Os mil, acima do habitual, são pequenina ajuda do foliar que distribuíram nesta época*».

Um Deputado — nesta coluna com o Anonimato de sempre — que, para além do seu testemunho cristão no hemicírculo, *desce* aos Pobres, também por nossas mãos, e, pela Caridade, supre a Justiça que é devida aos Pobres.

O assinante 29650, de Sintra, partilha uma «*determinada importância que entregarão a quem acharem merecer*». Mais um cheque, da esposa do assinante 32517, da capital, «*ajuda para os mais pobres — que fazem doer a alma*». Cinco contos, duma leitora, de Cortegaça, que teve a «*intenção de enviar antes da Páscoa, mas os afazeres não permitiram*». Cumpru o voto.

Outra senhora amiga, «*sou assinante há mais de trinta anos*», com um «*chequezinho para a Conferência*». Presença habitual da assinante 18833, «*pequeníssima oferta para qualquer urgência através da Conferência do Santíssimo Nome*

RETALHOS DE VIDA

«BATATA-VELHA»



Eu sou o Fernando José da Silva Ferreira («Batata-Velha»). Até aos seis anos vivi no Porto, em casa duns familiares porque os meus pais separaram-se.

A pobre da minha tia não podia tomar conta de mim e

de Jesus. É pouco, mas é em Seu nome». O costume, de «uma Assinante de Paço de Arcos», com a «partilha de Fevereiro/Março, mais 500\$00 da minha mãe». Idem, do assinante 9790, de Oliveira do Douro: «Ouso pedir uma oração ao Senhor para que haja muitas e santas vocações sacerdotais, religiosas e missionárias. O Senhor da Messe tenha compaixão de nós».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

conseguiu que me recebessem na Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, onde me encontro, há cinco anos.

Quando era pequenino, vivi com os «Batatinhas» na casa-mãe. Agora, frequento a quarta-classe da Escola Primária.

No primeiro Natal que passei na nossa Aldeia, que é tão bonita!, fiquei muito contente e admirado por receber uma saca de brinquedos. Foi a primeira prenda que recebi na minha vida.

Gosto muito de estar na Casa do Gaiato. Tenho amigos com quem brincar. Recebo uma educação para ter um futuro melhor.

Quando for grande quero ser piloto de aviões da TAP.

Fernando Ferreira

PAÇO DE SOUSA

CASAMENTO — A celebração foi na capela da nossa Aldeia. Noivos: o Ludgero e a Milú. Tudo correu bem.

COZINHA — Um lugar de grande responsabilidade. Trabalho não faltou, aos nossos cozinheiros: «Cebola» e Nelson com a supervisão do chefe cozinheiro. Conclusão, todos ficaram satisfeitos.

VISITAS — Têm vindo muitas! É Primavera... Recebemos um grupo de jovens, que vieram passar o dia connosco e despediram-se com a promessa de voltarem outra vez.

OBRAS — Trabalho não tem faltado! Os carpinteiros continuam na antiga tipografia, em últimos retoques para que o edifício esteja pronto a ser utilizado completamente.

Os pedreiros estão ocupados com os muros que muito trabalho têm dado!

«Cebola»

MIRANDA DO CORVO

MILHO — Depois da batata, estamos nos preparativos das terras para a sementeira do milho: cortar a erva na terra dos grilos, a fim de se pôr estrume e, por fim, a sementinha que dará origem à «espiga dourada» fruto do trabalho e dedicação de cada um de nós.

CÂMARAS FRIGORÍFICAS — Estão quase prontas. O João Aurélio, com muito cuidado, tem feito as arcas de modo que estejam aptas a conservar bem fresco o nosso pão de cada dia. Mas ainda faltam os motores que serão colocados por um especialista.

EXCURSÃO — No dia 14 de Abril, como é habitual, recebemos uma excursão de Amigos de Tomar para um convívio. Trouxeram o seu farnel e, também, muita alegria que partilhámos. Enfim, um dia especial. Agrade-

cemos a visita e apareçam sempre.

Quem não conhece a Casa do Gaiato por dentro, venha visitar-nos e conhecer-nos melhor, pois «somos a porta aberta».

TROPA — Vão mais dois rapazes servir a Pátria. Um deles é o chefe-maioral, que irá para Leiria. O outro sou eu, que seguirei para Tomar.

Carlos Zé

TOJAL

AGRO-PECUÁRIA — Este ano parece que vamos ficar sem batata. Com o terreno pronto a recebê-la, não há maneira de encontrar semente!

Comprámos um tractor. O Rafael está muito contente.

Vendemos dois vitelos para aliviar um pouco a vacaria. Não se conseguiu. Nasceu outro e, dentro de pouco tempo, esperamos mais um. Grande produtividade na vacaria!

ROUPARIA — As senhoras precisam de linhas de cor e agulhas. É o que gastam mais.

CARAS NOVAS — Recebemos mais três irmãos: o Luís Filipe, com 14 meses, o «Batatinha» mais novo; o António, 9 anos; e o Ricardo com 7 anos.

OFERTA — Mais uma, de iogurtes e queijo que é uma delícia. Por não conseguirmos consumir tudo, dividimos pelas nossas Casas do Gaiato de Miranda do Corvo e Setúbal.

Luís Miguel Fontes

A Casa do Gaiato de Paço de Sousa faz 48 anos

Vai a caminho do meio século! Tem acolhido e promovido para a vida muitas gerações de gaiatos. Vale a pena regressar às fontes e escutar Pai Américo a propósito da efeméride:

Apareceu-nos a antiga cerca dos monges beneditinos de Paço de Sousa, a uns 30 quilómetros da cidade do Porto. Não a procurei. Estava ela de queda à minha espera! Um incêndio havido, anos antes, levou os que ao tempo ali habitavam, a outras paragens. O musgo, as silvas, os morcegos, o abandono — estavam ali. Uma sentença do Supremo Tribunal de Justiça declarou que a propriedade não era património do Estado, tão pouco de quem a usufruía. Hoje, chama-se e é a Casa do Gaiato.

Em Abril do ano de 1943 tomei conta do espólio. Dias

depois começava-se a demolir o antigo dormitório dos frades e, logo a seguir, na parte mais alta da cerca, dezenas de pedreiros cantavam às pedras das casas em construção.

Ardeu Tróia!: «O quê?! Demolir as sacrossantas pedras do convento e trazer a crápula para uma terra tão linda?!» Críticas, reparos, dúvidas, reticências, acusações — lógica e natural reacção da mediocridade.

Em Maio chegam da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo três pioneiros da Obra: o António, de Celorico; o Amadeu, de Elvas; e o Adolfo, de Coimbra. Ins-

talamos-nos todos em uma dependência do antigo cenóbio que ficou de pé, para tradição. Compramos uma vaca, algumas aves domésticas e coisas de primeira necessidade. Cultiva-se um pequenino quintal, com sua horta e jardim. E vivíamos como Deus com os anjos.

Em Agosto chegam mais obreiros. Vêm da Casa-mãe. São os fundadores da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Por esse tempo, tomámos conta do amanhã da quinta; foram-se embora os caseiros que a fabricavam. Compra-se mais gado, alfaias, sementes. Começamos a cultivar os campos na sua totalidade. Grandes jeiras de terra negra cobrem-se de tapetes de pão. Os rapazes deliraram com a vida a germinar. Dizem coisas aos frutos pendentes. Falam ao gado nos pastos. Lavam os calos das mãos, em grandes bicas de água, antes de entrar no refeitório. Sente-se uma pequena colónia de

pequeninos trabalhadores organizados, com as horas ocupadas na vida de campo, de escola, de oficinas — horas para tudo. Vive-se a exuberante



Os nossos rapazes — «Celorico», Herlander e Sérgio — lançaram as fundações da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.

alegria que promana do lume da lareira. Os cozinheiros lembram à senhora qualquer prato especial que os rapazes gostariam de comer amanhã. O despenseiro gosta de receber ordens nesse sentido. Os refeiteiros passam palavra à malta: — Amanhã temos batatas!

Não vivemos a vida tenebrosa das pautas e dos regulamentos. Dispensou-se o zelo mai-lo saber do funcionário de profissão. Fizemos um pequenino mil seiscientos e quarenta dentro de Portugal e arvorámos a bandeira da independência, com a divisa: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

Entrementes, emergem da terra as primeiras moradias da nossa futura Aldeia. Aboliu-se o sistema de caserna por ser contra a natureza da criança. Constroem-se vivendas de ar e luz, para famílias de 9, de 14 e de 20 rapazes. Uma Casa que verdadeiramente interesse os seus simpáticos e irrequietos habitantes. Que lhes inspire amor ao asseio. Que lhes dê o verdadeiro sentido da dignidade da pessoa humana. O belo por ser reflexo da Beleza Incrédula, tem dentro de si mesmo um grande poder educativo. Digo mais: Sem beleza, toda a pedagogia é morte; nem o próprio Evangelho realça.

P. Américo

Direitos da Criança

Continuação da página 1

mentem os Direitos da Criança, traz-me este pensamento colhido da *sabedoria* que conduziu Pai Américo à adopção da sua estratégia. Passar ao lado..., debruçar-se sobre problemas..., reflecti-los fora e longe deles... não leva a nada de realmente válido. Nunca, quando se trata de problemas humanos; e *a fortiori* quando esses problemas se apresentam no fundamento de uma vida inocente e incapaz de se defender, desde o seu primeiro instante vítima de distúrbios em que foi gerada e em que vai ser recebida à luz do mundo. Uma reforma jurídica desta espécie tem de beber da compaixão dos que são objecto dela. E digo compaixão no seu sentido rigoroso de sofrimento com os que sofrem, não de prurido de injustiça legal ou de piedadezinha sobranceira. Tem de buscar o seu dinamismo numa «revolta» que se não satisfaz na formulação de preceitos, porventura adequados ao remedeio de males que afectam a Criança, todavia imperfeitos se não afrontam

as causas que repetem esses males e os tornam crónicos e reprodutores constantes de novas vítimas. Uma reforma inteligente e sincera da legislação dos menores há-de necessariamente desencadear medidas a outros níveis da vida social que travem egoísmos ferozes, ânsias incontidas de prazer, a inconsciência de deveres primários e penalizem a irresponsabilidade consequente de que são vítimas tantas crianças, exactamente aquelas que nasceram fora de um contexto familiar ou o perderam pouco depois, pois as que nasceram e vivem numa família digna desse nome não precisam para nada de leis peculiares.

A dignificação da Família, pois! Tudo quanto a faça crescer e o cuidado de evitar tudo que diminua as suas virtualidades — eis um campo intimamente conexo com tudo o que diz respeito aos Direitos da Criança.

Mas isto não se faz de fora. É preciso paixão; é preciso conhecer por dentro o sofrimento imerecido de tantas

crianças. Só assim brotará, como água pura de nascente natural, a determinação e a coragem para enfrentar incompreensões, inércias, reacções de interesses atingidos, tantos neste mundo corrompido onde, frequentemente, alguns prosperam da exploração de fraquezas e desvios de muitos. Trata-se de um «bom combate» mais amplo do que simplesmente procurar destino de remedeio, seja qual for, para as crianças condenadas a esperá-lo da sociedade maior, já que não têm a protegê-las a *grande sociedade* de um pai e uma mãe conscientes e responsáveis da sua missão educadora mais que da função procriadora. Simplesmente o remedeio é cada vez mais complicado, dado o crescer sem conta nem medida destes casos que encham de processos os Tribunais e Curadorias de Menores e as listas de espera das Instituições.

Nos últimos anos, grande percentagem dos pequenos que temos acolhido são dos filhos da *boîte*. Andaram de

ama em ama até chegarem cá. E quantos da mesma sorte aguardam a sua vez! Entretanto tais estabelecimentos vão proliferando. Parece, até, que contam como argumento a favor de pretensões de aldeias e vilas à promoção ao posto superior. O Fisco cobra, o pessoal diverte-se, a empresa rende, movimentam-se massas — porque não hão-de abrir? Assim pensa o mundo e deixam agir as Autoridades. A outra face da moeda, desgraçada, cunham-na com o seu sofrimento, os filhos da *boîte*, sem pai, sem mãe, sem lar, sem afecto, sem segurança... — «malhas que o mundo tece».

Grande é a guerra a travar no mundo desvairado dos adultos para levar à Criança a justiça e a paz que são direito seu. As armas não se encontram nos arsenais do mundo. É preciso muita força interior, muita coragem, que se adquirem no sofrer com quem sofre. Preço alto, sem dúvida! Mas se «o melhor do mundo é a Criança», vale a pena!

Padre Carlos



Calvário. No viver em família encontram-se a si próprias.

Os Padres da Rua tiveram reunião mensal. Fomos por aí abaixo. No caminho, era preciso visitar uma casa em construção. É do «Arouca», alfaiate à moda antiga e por isso muito pobre. Mora já em casa de agora, como se vêem tantas por este Norte, ainda que por acabar. Recebeu, em tempos, ajuda da Obra e Padre Carlos queria comprovar. Situada num desvio da estrada, bem exposta ao sol, dois pisos: no primeiro a oficina, a cozinha e a sala; no

Contrastes

segundo os quartos. Por enquanto está por dividir e os acabamentos exteriores por fazer. O telhado está pronto e o feliz habitante já se mudou.

Não podia, naturalmente, deixar de fazer comparações com a terra de onde vim. É uma cidade de quarenta e cinco mil habitantes, a minha

Paróquia. As saudades ainda falam no coração. Tem três ou quatro casas de primeiro andar e duas em construção. Tudo o mais de piso térreo. Vinte por cento terá luz; água nem tanto. Asfalto muito menos. A maior parte das ruas têm sulcos abertos pelas chuvas e por vezes os carros não

passam. Passeios não tem e todo o mundo anda pelo meio da estrada.

Os mais pobres moram no fundo do quintal; os donos à frente. Dois ou três compartimentos, quando muito; blocos de cimento à vista. Reboco por dentro já é luxo. Telha vã de fibrocimento e da mais fina, que aumenta o calor no seu tempo. Estas que agora se vêem pelas aldeias de Portugal, lá, seriam chamadas «mansões». Para gente rica.

Pelo interior, na roça ou, como aqui dizemos, no campo, ainda é bem pior. A água vem de longe pelo chão, onde bebem os animais no pasto e quarto de banho não é acessório da casa.

Mas a minha cidade de Santo António do Descoberto é povoada de migrantes do Nordeste, onde as condições de trabalho são piores e as de habitação, certamente também.

Desenraizados do seu meio natural, muitos baptizam os filhos, mas não frequentam a Paróquia. Trabalham fora, toda a semana, saindo de casa às cinco e regressando às oito e dentro da noite. Com salário mínimo a maior parte, a vida não permite devaneios, nem conforto. É um Brasil tão diferente e tão distante e tão sofrido que o trouxe no coração.

Padre Telmo

Padre José Maria

PARTILHANDO

Conheci a D. Virgínia no primeiro dia em que, vindo de Angola (abandonados apetrescos e tarecos), entrei na Casa do Gaiato do Tojal pela mão do Padre José Maria.

Apresentações... Tudo novidade para mim!: Olhares travessos, casacos «às três pancadas», barulho no refeitório, pratos que caem, sem-cerimónias no estar e comer (como quem está em sua casa). Senti, naquela hora, que estava mesmo na casa deles — os reis.

Pairando por cima deste mar, o olhar calmo e doce da D. Virgínia, «que Deus tem».

Tinha sido esposa, gerado e educado filhos. Quando ficou disponível, resolveu fazer a entrega de sua vida e coração aos gaiatos daquela Casa.

Como eu admirei e ainda recordo os modos gentis e maternais com que atendia os rapazes; os gestos de confiança destes quando lhe pediam qualquer coisa. Como mãe, sem-

pre os acolhia num clima amoroso, mesmo para os repreender quando preciso.

Mãe sem compêndio nem papel definido; sem regra nem estrutura! Mas, sim, mãe com gestos de amor à disposição dos rapazes em todos os momentos do dia. Estava e amava! Estou a vê-la no seu semblante digno e sereno!

Os rapazes iam com gosto e felizes ter com ela!

D. Virgínia, minha boa amiga, as Senhoras que estiveram no Encontro-Convívio, pediram-me um «perfil de Senhora da Obra da Rua»; a designação do lugar que ocupa; o papel que exerce; a categoria que lhe pertence.

Tu, lá do Céu, sei que responderias:

— Em cada perfil, designação, papel e categoria — sempre Mãe!

Tribuna de Coimbra

• Ouvi, com muita graça, o desabafo de um dos nossos padres: — Por vezes não me vem mesmo nada para escrever para o nosso jornal. Ainda há pouco tive de ir para uma igreja e lá, à luz de uma janela, ocorreu-me o caso do menino triste que chora pela mãe.

Pai Américo marcou bem o sentido do nosso escrever. «Escrever como quem reza.» No amontoado de coisas da nossa vida também temos de escrever para O GAIATO. O nosso escrito tem de ter sempre o sabor de oração. É assim que os nossos leitores nos entendem e nos recebem.

• Agora, à noite, dois telefonemas. Um do Kit Carlos e outro do Vítor.

O Kit Carlos, nome de artista, pois entre nós é o Carlitos «Aleijadinho», é cantor e tocador na rádio e na televisão e tem programa contratado. Quer falar da Casa do Gaiato, mas entende que eu também devo intervir. «*Todos sabem que eu sou gaiato e querem saber coisas da nossa vida.*»

O Carlitos tem qualidades e tem amigos. Quando há meses assisti ao seu casamento, fiquei com a impressão de que é lutador.

O Vítor «Totó» é um apaixonado por nós que fomos sempre a sua família. Telefona muitas vezes. Faz bom reclame da nossa Obra. Procura mexer no coração de cada um que o traz fechado ou o quer fechar. Tem aberto muitos corações.

Ainda há pouco veio trazer uma carrada de materiais de construção. Outras vezes temos nós de lá ir buscar. O telefonema de hoje era a dar a notícia de que tem lá dois sacos de milho de semente e um carro de mão para as obras. «*Amanhã vou bater a mais portas. É necessário que esta gente dê.*»

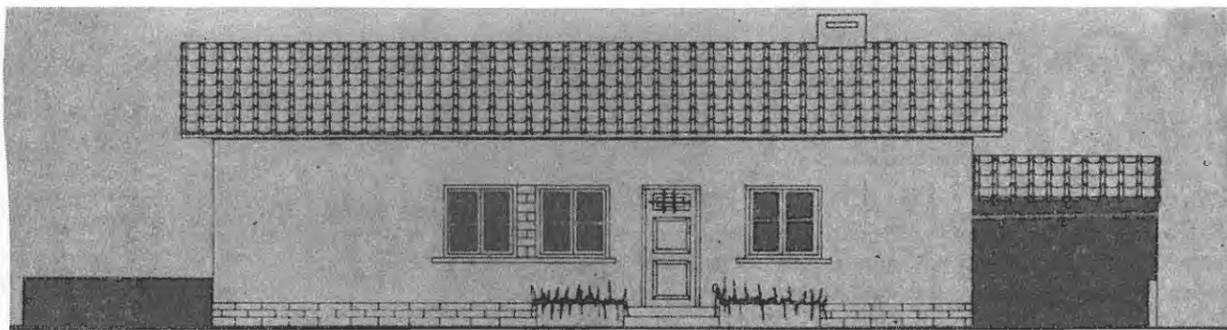
Que rebuçados tão saborosos os nossos Rapazes também nos dão a saborear!

• Porém, a nossa vida também nos traz muitos rebuçados amargos. Nesta altura temos um grupo com muita inclinação para o roubo. O motivo da vinda deles para nossa Casa já foi esta doença.

Com o Joãozinho, Toninho e Joãzito há ainda mais alguns que vão pelo mesmo caminho. Andar de vendedor em vendedor. De camioneta em camioneta. De discoteca em discoteca. A discoteca nossa vizinha tem sido lugar de encontro para muitas desgraças.

Custa-nos tanto vê-los por maus caminhos! Que Deus nos ajude, e a eles também, a orientá-los para que se não percam. Parte dos nossos jovens andam tão perdidos!...

Padre Horácio



Projecto fornecido gratuitamente por um município — cumprindo a sua missão específica. Se todos procedessem deste modo... prestaríamos Justiça aos Pobres. Teríamos um País diferente, nas regiões do interior.

Autoconstrução

Continuação da página 1

placa de tecto e já lá se instalou com a família, constituída pelo casal, 4 filhos e 3 netos.

Embora já lá vivam, a casa constituída por sala, 3 quartos, cozinha e casa de banho, ainda não possui as condições mínimas de habitabilidade, pois chove dentro por falta da cobertura da telha; não tem portas nem janelas adequadas; a casa de banho ainda não tem louças e as paredes não estão rebocadas.

Nós estamos a ajudar dentro das nossas possibili-

dades, mas ainda são precisas outras ajudas.»

«Por se tratar de uma família pobre mas honesta e trabalhadora, que vive apenas do trabalho do marido e das ajudas da mulher em outros serviços, quando pode, aqui estamos, junto de vós, na esperança da vossa habitual ajuda nestes casos muito concretos dentro dos princípios que vos orientam no apoio à Autoconstrução.»

Que bem! Ao ler a carta acompanhada da fotocópia da fachada principal da casa, fiquei feliz. Ao transcrevê-la em grande parte, outras comunidades poderão dar

passos em frente na preocupação e realização dum projecto comunitário: apoiar os Autoconstrutores que, quando sozinhos, não podem caminhar e desanimam. Há aqui um trabalho do grupo, da comunidade e do Autoconstrutor. É um verdadeiro serviço ao homem. Ele não é substituído; é ajudado. A alma chama-se Justiça, aquecida e transformada pela Caridade. Por isso, à Igreja presente na Comunidade, tendo como espaço específico de acção a Caridade, pertence este serviço de modo prioritário.

Quantas vezes ficamos

paralisados porque a Comunidade não anda nem há quem a faça caminhar. É que o apoio à Autoconstrução a partir do Fundo do Património dos Pobres tem a marca comunitária, isto é, dirige-se à Comunidade para que esta possa valer aos seus membros pobres. Quem dera que em cada paróquia houvesse o dinamismo da Caridade capaz de pôr em marcha este projecto comunitário de ajuda aos Autoconstrutores. Seria a presença duma Igreja que acredita e vive da sua Fé na Caridade.

Acolhemos, pois, com muita alegria, a mão da paróquia

que pede para o seu Autoconstrutor. Já seguiu o cheque que vai dar para o telhado, para as portas e janelas.

Queremos dar a mão à Comunidade, à Comunidade que agarra e anda. É a pedagogia do Evangelho. É a única que serve de verdade ao homem.

Jamais queríamos ser olhados como agência ou caixa de abonos que não geram vida na Comunidade como tal. A esperança nascida da promessa do telhado produz o capital que torna possível o levantamento das paredes. Donde veio este capital? Das energias escondidas em cada Autoconstrutor e das mãos solidárias da Comunidade.

Não deixemos perder a riqueza mais bela do Fundo do Património dos Pobres

Padre Manuel António

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Do que nós necessitamos

Sem mais preâmbulos é lançada a primeira pedra desta coluna tão rica porque feita de «pedras preciosas»: «Li, há pouco, o jornal de 23 de Fevereiro. Que humilhada me senti, ao ler na página 3: 'Pedras preciosas'! Os reformados, a viúva do médico, 88 anos, 18 contos de pensão (!) e tanta generosidade... E eu que fui aumentada no vencimento e não enviei de imediato um contributo. Tive que verificar primeiro a conta bancária para para ter a certeza. Agradeço a todos 'os pequenos' que enviam tanto e junto também um cheque. Foi a sua generosidade que me chamou a atenção. Que linda página do jornal! Guardei-a, à parte, para a ler muitas vezes, sobretudo quando o comodismo me invade».

Cada um possui um lago de bondade. Acontece que está fechado muitas vezes e por muito tempo. A hora da partilha chega, entretanto. Com ela vem a admiração, o espanto, a alegria: «Foi a sua generosidade que me chamou a atenção». O leitor é parte importante na feitura das páginas lindas d'O GAIATO. «Vai este chequezinho principalmente para a Conferência de S. Vicente de Paulo, que acho um magnífico

meio de educação.» E é. Pai Américo gozava com os rapazes a cuidar dos Pobres. Deixou-nos páginas sabrosas sobre eles.

Quando uma criança cresce e vai dando conta doutras crianças pobres, à sua volta, está a modelar o seu coração pela força do bem. Por isso, um bem haja à Escola Secundária Gabriel Pereira, de Évora.

Não digo o nome de quem mandou os 500 contos e, se

falo em números, é para acrescentar: «Não quero nem qualquer agradecimento, nem menção...» Assim fica no segredo da consciência e do Pai do Céu que sabe pesar e medir e retribuir. A esta, junto outra migalha: «Um cheque de três mil escudos que desejo oferecer do meu primeiro dinheiro referente à minha reforma». Ficam tão bem as duas juntas! São de tamanho diferente mas trazem a nota de igual valia.

SETÚBAL

Continuação da página 1

Os rapazes irão representar como Cristo entra quotidianamente nas suas vidas e lhes molda a consciência!... A beleza e maravilha dos números atingirá o seu auge com a presença dos «Batatinhas» envolvendo tudo e todos num sonho inesquecível.

PALMELA — 4 de Maio, às 21,30 h, Cine-Teatro S. João.

MONTIJO — 11 de Maio, às 21,30 h, Auditório dos Bombeiros Voluntários de Montijo.

AZEITÃO — 17 de Maio, às 21,30 h, Sociedade Perpétua Azeitonense.

ALMADA — 18 de Maio, às 21,30 h, Sociedade Incrível Almadense.

SETÚBAL — 24 de Maio, às 21,30 h, Fórum Luísa Tody.

COVA DA PIEDADE — 25 de Maio, às 21,30 h, Salão Paroquial.

CABANAS — 26 de Maio, às 21,30 h, Sociedade das Cabanas.

CASCAIS — 1 de Junho, às 17 h, para crianças; e 21,30 h, no Teatro Gil Vicente.

Padre Acílio

Mais achegas: «Remeto um cheque no valor de 200 mil ao qual será dado o destino mais justo. Gostaria que, a cada necessidade, coubesse uma migalhinha, mas sei que não é possível, pois o dinheiro é pouco e as carências muitas. Fica, pois, a partilha ao seu critério». O pormenor, a maneira como se dá, a palavra que envolve a dádiva põem a descoberto a nascente do fiozinho d'água cristalina.

Sem contar, num momento, encontramos-nos diante dum mestre de alta sabedoria: «Envio essa pequena quantia para tornar mais visível a Igreja de Cristo, pela partilha dos bens. Parece-me que é, hoje, a forma mais eficaz de evangelização... pelo menos, se não se quiserem juntar a nós para nos identificarem». Pensamos da mesma maneira. Um projecto de Evangelização que não passe pelos Pobres, à partida, não se entende. Mais: de certeza que não é evangélico.

«Corta o coração!... Vamos, sim, de mãos dadas, ajudar. Segue uma pequenina lembrança que, em acção de graças, se destina ao próximo angustiado. Não os esquecerei nos seus problemas.»

Quem quiser saber um pouquinho da nossa vida tem que beber primeiro nestas linhas e outras: «Vontade de mandar mais não me falta, mas as despesas com os meus seis filhos continuam a ser grandes...» Quem não admira esta Mãe de seis filhos?!

Padre Manuel António

CARTAS

«Sou um recente assinante, mas um leitor assíduo desde há muitos anos, dado o meu pai ser um deles bastante antigo.»

Embora seja pouco dedicado à leitura, é sempre com prazer que recebo O GAIATO e o leio na íntegra. É uma leitura que me entusiasma, diz sempre algo e me obriga a tentar amenizar um pouco o sofrimento dos Outros.

Assinante 55099.

☆☆

«Envio este cheque assinado pelo meu pai (eu só tenho 11 anos), para o envio d'O GAIATO.»

Já fui várias vezes a Paço de Sousa. E aí visito sempre dois sítios: o túmulo de Egas Moniz, onde a Fidelidade continua a ecoar; e a Casa do Gaiato, onde a palavra de Pai Américo é e será sempre a palavra de Deus feita Amor.

Desejo a todos os gaiatos, bem como àqueles que ajudam a florir para a vida, as maiores felicidades.

Assinante 37725.

Novos Assinantes

Os novos assinantes, que recebemos diariamente, também são um repor de Amigos que substituem quantos o Senhor leva — pela lei da vida — portadores d'O GAIATO em sua alma imortal. Tantos familiares mantêm os nomes dos pais, acentuando notas de grande cunho espiritual! Vale a pena sublinhar este ponto que nos sensibiliza e afirma a aceitação do pequenino mensageiro em milhares de Famílias. Por isso, continua a expansão do Famoso nos lares de tantos portugueses!

Almada: *Junto um cheque que será para uma assinatura de minha irmã, que vive numa longínqua aldeia dos arredores de Bragança, onde há muita fome da verdadeira Palavra de Deus.*

A mulher do nosso Zé «Gordo» também segue na procissão: *«Aproveito para mandar o endereço duma colega minha, que deseja ser assinante do nosso jornal. Que o Senhor vos abençoe para continuarem a missão sublime começada por Pai Américo.»*

Há gente que não perde tempo, lembrando o Famoso em todo o lado e cativando novos assinantes! *«Bem hajam pela mensagem exposta n'O GAIATO. Alguns artigos tenho-os partilhado num grupo a que pertenço»* — sublinha a assinante 3356, de Monchique.

Nesta linha, temos à nossa frente listas entregues em todas as nossas Casas do Gaiato, com séries de Prior Velho, S. João da Madeira, Albergaria, etc. etc.

A brevíssima nota ficaria incompleta se omitíssemos o crescendo de novos leitores nas comunidades lusíadas espalhadas pelo mundo, especialmente da Europa: França, Alemanha, Luxemburgo, Suíça. O GAIATO, elo de ligação à Mãe-Pátria!

Júlio Mendes



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Conf. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média por edição no mês de Abril: 74.050 exemplares